



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 1 | JAN-MAR 2020

A SECA E OS ARGUMENTOS SOBRE CAMPOS DE
CONCENTRAÇÃO A PARTIR DO OLHAR DE
RACHEL DE QUEIROZ



THE DROUGHT AND THE ARGUMENTS ABOUT
CONCENTRATION CAMPS FROM THE LOOK OF
RACHEL DE QUEIROZ

PAULO CESAR FERREIRA SOARES
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE, Brasil

GILTON SAMPAIO DE SOUZA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 15/08/2019 ● APROVADO EM 31/10/2019

Abstract

The choice of the theme that addresses issues relating to the experience of returnees in concentration camps, built during the drought in the State of Ceará in the Northeast region, more precisely in the year 1932, represents, in the foreground, my intention, while researcher,

become more visible and better understand the problem of the misery suffered by 'plagued', as they were known. The fact that compose the Group of studies of the University of the State of Rio Grande do Norte, UERN in Pau dos Ferros, about argumentation and local culture, I see, in rhetoric, a form of social denunciation against the cruelty of these concentration camps of Ceará. In this process, I intend to work mainly with the theory of the new rhetoric, Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014). However, I will also anchor the study authors as Souza (2003), Reboul (2004), Halbwachs (1990), Arendt (2007), among others. The method, in addition to be deductive and inductive, as part of a literature search to recede in the interviews, of which reviewed the places of the argument, that is, the perelmanianas categories that deal with arguments based on quantity, quality, essence, among others. I hope this article can, first, serve as a voice for the families of those people who suffered in concentration camps, after which contributes to new research about the argument and/or the theme here exposed.

Resumo

A escolha do tema que aborda questões relativas à vivência de retirantes nos campos de concentração, construídos por ocasião das secas no estado do Ceará, mais precisamente no ano de 1932, representa, em primeiro plano, a minha intenção, enquanto pesquisador, de tornar mais visível e compreender melhor o problema da miséria sofrida pelos 'flagelados', como eram conhecidos. Pelo fato de compor o grupo de estudos da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, em Pau dos Ferros, sobre argumentação e cultura local, vejo, na retórica, uma forma de denúncia social contra a crueldade desses campos de concentração cearenses. Nesse processo, pretendo trabalhar, predominantemente, com a teoria da nova retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014). Contudo, irei ancorar também esse estudo em autores como Souza (2003), Reboul (2004), Halbwachs (1990), Arendt (2007), dentre outros. O método, além de se constituir como dedutivo e indutivo, parte de uma pesquisa bibliográfica até desaguar nas entrevistas, das quais analisamos os lugares da argumentação, isto é, as categorias perelmanianas que tratam de argumentos baseados em quantidade, qualidade, essência, dentre outros. Espero que este artigo possa, primeiro, servir de voz para os familiares dessas pessoas que sofreram nos campos de concentração, depois que contribua para novas pesquisas acerca da argumentação e/ou da temática aqui exposta.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Retreatants. Concentration Camps. Dry. Argumentation.

PALAVRAS-CHAVE: Campos de Concentração. Seca. Argumentação.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Minha tese é de que, a partir da análise de discursos sobre os campos de concentração, terei como resgatar a memória de milhares de pessoas as quais

resistiram até onde puderam ao flagelo da seca e ao isolamento forçado nos referidos campos. Na mesma linha de raciocínio, através desse resgate histórico, terei como apresentar mais detalhadamente o cenário vivenciado por esses retirantes, que se dirigiam aos montes para a capital do Ceará, Fortaleza, na tentativa de sobreviver, da forma que fosse possível.

No entanto, deparavam-se com a aversão da burguesia, a qual pressionava o Governo do Estado para intervir e/ou proibir o desembarque dos famintos na cidade denominada pelos jornais da época de “loira desposada do sol”. A necessidade de denunciar a situação nos campos de concentração da seca, em 1932, é também elemento de referência para se pensar sobre o percurso que as obras contra a seca vêm tomando ao longo de décadas, mais precisamente no estado do Ceará.

No tocante aos objetivos deste trabalho científico, começando pelo geral, pretendo analisar a argumentação, mais precisamente os chamados lugares argumentativos, em discursos sobre os campos de concentração da seca de 1932, no Ceará. Como segundo plano, especificamente, investigar o contexto social da época, bem como interpretar o modo como funcionavam os mecanismos de confinamento, dando ênfase à memória histórica. Por último, minha pretensão é a de resgatar essa fase da história cearense, não para valorizá-la, mas para denunciar e divulgar tal fenômeno de preconceito e exclusão.

A análise de discursos com foco nos campos de concentração da seca no Ceará, predominantemente durante o ano de 1932, fornece, ainda, como justificativa inicial, o estudo da identidade sertaneja, através da memória, diante de um problema que até hoje vem causando danos irrestritos ao povo nordestino, bem como aos cearenses que vivem do contato direto com o solo para, grosso modo, obterem os meios de subsistência e sustento da família.

É mister conhecer a realidade em torno de fenômenos os quais ainda não foram conhecidos e/ou analisados pela óptica argumentativa. Visto que, o processo retórico pode posicionar o problema estudado nas teses daqueles que fizeram parte do acontecimento, enriquecendo os sentidos da pesquisa.

Partindo da linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), que é em *Discurso, Memória e Identidade*, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), proponho-me a justificar esta pesquisa embasado nos estudos teóricos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), no que eles batizaram de Tratado da Argumentação: a nova retórica, com ênfase nos lugares da argumentação.

Este recurso de aplicação argumentativa permitirá uma reflexão mais próxima do contexto social da época em que os campos de concentração foram, estrategicamente, criados, na capital e no interior do estado, e do modo como eram recrutados os retirantes para se alojarem nos referidos espaços. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), os detratores da retórica- para os quais só havia uma verdade, em todas as matérias- deploravam outros estados de coisas. Nesse sentido, pretendo ampliar o tema através do ponto de vista dos retirantes.

Os questionamentos que são postos em relação ao passado exigem do pesquisador uma reflexão vinculada à cultura e a história da comunidade na qual ele se encontra inserido. Dessa maneira, o fenômeno dos campos de concentração aponta para uma nova concepção da realidade observada do presente. As gerações vindouras precisam conhecer e se reconhecer no contexto do qual emerge a resistência e a luta contra as desigualdades sociais.

Outro ponto pelo qual podemos também justificar esta pesquisa está na possibilidade de contribuir para o rompimento de estereótipos disseminados contra a figura do retirante, ou seja, é ainda comum na nossa sociedade, assim como foi ao longo da história, a ideia de que os retirantes serviam apenas para as frentes de trabalho, na construção de açudes e obras de urbanização.

As mazelas que enfrentavam iam além do isolamento, visto que ainda tinham que conviver com a exclusão social, a marginalização e os maus tratos em geral, como, por exemplo, quando as passagens de trens, para eles, eram expressamente proibidas ou, ao conseguirem embarcarem clandestinamente, eram expulsos dos vagões antes destes chegarem ao destino final, a capital Fortaleza.

A VISÃO LITERÁRIA DE RACHEL DE QUEIROZ SOBRE A REALIDADE DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Em contrapartida, essa minha temática constituiu obras literárias de escritores renomados como Rachel de Queiroz, em *O Quinze* (2006). Posso afirmar, a princípio, que essa obra é responsável pela minha aproximação com a temática supracitada, pelo fato de trabalhar como professor de Literatura em escolas estaduais do Ceará.

Nas páginas do romance em questão, o drama do retirante, que precisa deixar a sua terra natal por conta da seca, é um retrato nítido dessa fase da história, não só dos cearenses, mas também dos nordestinos, os quais buscavam em terras alheias um alento para tanto sofrimento da luta com a terra dura, insensível ao modo trágico de vida sertaneja. O livro nos concede uma visão íntima da vida dentro do campo de concentração. “Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazarentas e trôpegas [...]” (QUEIROZ, 2006, p. 23).

O livro da cearense impactou o cenário brasileiro nos anos 30, pois, ao denunciar a situação dos retirantes, mostrou ao país a ausência de políticas públicas eficazes quanto ao problema da seca. A obra se tornou referência para a literatura brasileira, a partir de uma linguagem contundente e direta. Mesmo se referindo à seca de 1915, o livro da escritora cearense, publicado em 1930, antecipa o drama dos campos de concentração da seca de 1932; é uma espécie de preâmbulo literário.

Observemos os comentários a seguir acerca dessa fase histórica representada em obras literárias, como no caso específico de Rachel:

O romance de 30 emerge preocupado em definir os vários tipos humanos e as características sociais que compunham a nação. No romance nordestino irão se cruzar a crise de uma sociabilidade com a de uma intelectualidade tradicional, o problema individual de filhos de proprietários rurais em crise com o problema social equacionado com instância regional pela produção sociológica freyreana é toda uma produção discursiva anterior. (TAMARU, 2004, p. 416)

Observei no discurso do autor supracitado pontos que demonstram a preocupação dos escritores da época em transformar a palavra em denúncia, o texto em crítica social, pois, havia, no Brasil, uma espécie de centralização cultural, social e econômica. Regiões distantes do eixo Rio-São Paulo, passavam despercebidas no tocante às políticas de assistência, como também eram excluídas, marginalizadas.

Diante da realidade, a obra de Rachel de Queiroz, assim como de outros prosadores, atraiu, grosso modo, o olhar da nação para o descaso na região Nordeste, onde pessoas morriam frequentemente de fome. Em *O quinze* (2006), Chico Bento e a família, devido à escassez de alimentos, por conta da severa seca, migram para a capital do Ceará, em busca de condições para, no mínimo, sobreviverem. “Com a ideia dos campos, o governo procurava diluir as tensões que se constituíam nos pontos de trem e, ao mesmo tempo, tentava evitar a migração para a capital pelas vias férreas” (RIOS, 2014, p. 34).

Segundo Tamaru (2004), Rachel de Queiroz estaria junta daqueles que constroem o sertão como espaço que traz originalidade ao Nordeste. Nesse sentido, na obra supracitada, as personagens podem ser vistas como reflexo dos flagelados reais, aqueles que eram obrigados a se retirarem e aventurar a vida em outras localidades.

Fiorin (2015) admite que o discurso não deve se limitar ao microcosmo linguístico, mas sim buscar amplitude social. Desse modo, deve-se pensar que o tema da pesquisa a ser desenvolvida sobre o problema dos campos de concentração traz à tona a memória de pessoas que, de alguma forma, direta ou indiretamente, vivenciaram o funcionamento social no âmbito do confinamento e da miséria daquela época. Através dos relatos, a sociedade atual terá noção do que acontecia nos chamados “currais do governo.”

Na prosa de 30, mais precisamente, na escrita de Rachel de Queiroz, o sertanejo não sucumbe ao modo climático, pois conhece os trâmites naturais, contudo, sabe que é desvalorizado enquanto cidadão. Essa desvalorização parte da história política de governos que pouco ou quase nada fizeram pelo povo pobre. Vejamos a seguir o comentário da pesquisadora Kênia Rios:

Mesmo com a suspensão das passagens de trem, os retirantes continuavam a chegar em Fortaleza, vindos do interior. Eram, portanto, nesses centros de aglomerações que o controle do flagelado deveria impor-se com mais rigor [...] foram, ao todo, sete

campos, Buriti, em Crato, o campo de Patu, no município de Senador Pompeu, o campo do Ipu, em Cariús, Quixeramobim e dois em Fortaleza, Tatuapé ou Matadouro, e o do Pirambu ou Urubu. (RIOS, 2014. p.34-35)

Por outro lado, pode-se repensar, com a materialidade da pesquisa, as estruturas que são hoje desenhadas para amenizar a problemática da seca. Pois, os campos de concentração são uma prova de que a segregação, sendo sinônimo de residência forçada, de separação, não ameniza o problema, pelo contrário, colabora com o crescimento da pobreza e dos conflitos sociais.

Observemos mais contribuições conceituais acerca da visão racheliana sobre a época analisada neste trabalho:

Com o livro “O Quinze” Rachel de Queiroz explorou o significado da seca na vida do povo nordestino, a autora soube amarrar os efeitos deste fenômeno climático à vida de seus personagens ao longo da trama conseguindo desta forma, mostrar ao leitor quão significativo e relevante é este fenômeno, aliado ao descaso governamental ao lidar com a população habitante desta região. (ARAÚJO; ANSELMO, 2009, p. 02)

No chamado “curral do governo”, as personagens eram representativas de uma realidade tramada pelos políticos, na qual o fenômeno da seca afetava a vida na região. Para Coutinho (2004), a massa regional brasileira forneceu aos escritores realistas ampla fonte de assuntos, sugestões, linguagem nativa, tipos humanos, formas de conflito social e moral. Em seu livro *Engenheiros da memória: narrativas da seca no Ceará*, a professora do Departamento de História, da Universidade Federal do Ceará, Kênia Rios, mostra-nos, com base numa entrevista/conversa com um dos remanescentes do campo de concentração do Buriti, Crato, aspectos característicos do local.

[...] As memórias de Seu Muriçoca sobre o seu trabalho e a estrutura dos campos de concentração apontam certas normas de disciplina, controle e poder em torno da alimentação e de seu significado para os flagelados [...] tal potência se expressava também na arquitetura das cozinhas. O acesso à cozinha era constituído por um grande corredor estreito, onde os flagelados se comprimiam para receber a comissão. (RIOS, 2014, p. 46)

O conceito de regionalismo, parafraseando Coutinho (2004), associa-se, dentro deste estudo, a um poderoso instrumento de pesquisa e estudos históricos. Na concepção do referido autor, essa bússola regional, pela vastidão territorial brasileira, torna-se elemento de desenvolvimento implícito nas denúncias sociais. Na arte literária, Rachel soube como enveredar pelo tema, sem, contudo, deixar-se levar pela ‘romantização’ desenfreada.

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO, MEMÓRIA COLETIVA E PERSPECTIVA HUMANA

Quando trato de perspectiva humana, atribuo ao retirante da seca de 1932 um papel de vítima da política centralizada e determinista do Governo de Getúlio Vargas. Pois, partindo da visão de Arendt (2007), a ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história.

Grosso modo, pode-se considerar que essas intervenções realizadas para impedir que os flagelados chegassem até Fortaleza, partem de questões ligadas à higienização, controle social da era Vargas. Observemos a seguir uma análise desse período:

Vale destacarmos que o higienismo brasileiro só pode se definir, devido sua tensão constitutiva, ou seja, pelo que tinham em comum, por um objetivo central: o estabelecimento de normas e hábitos para conservar e aprimorar a saúde coletiva e individual. É somente neste aspecto que podemos encontrar certa homogeneidade. (TRAVASSOS, 2011, p. 723)

Contudo, confrontando a passagem que aponta para a conservação e/ou aprimoramento da saúde coletiva, posso afirmar, com base em depoimentos a serem postos no tópico mais adiante, de análise discursiva, que a situação nos campos de concentração era diferente, ou seja, por mais que houvesse essa proposta, em termos gerais, no Nordeste, as mazelas sociais e climáticas se acumulavam, fazendo com que os retirantes fossem, em blocos homogêneos, à procura de um alento no espaço da capital cearense, na época, dominado pela burguesia.

Peço atenção para, na sequência, analisarmos a colocação de Arendt (2007) acerca dessa condição humana, a qual proponho discutir em analogia à vida do flagelado da seca de 1932, no confinamento do campo.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência [...] Além das condições nas quais a vida é dada ao homem, na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. (ARENDR, 2007, p. 17)

Quando a autora discorre acerca das condições, que, com frequência, são reinventadas pelo ser humano, remeto a ideia de aprisionamento no fato de que, ao se retirarem de seu espaço natural, os retirantes foram impedidos, ostensivamente, de recriarem suas próprias condições de vida, quando, na ocasião, seguiam de trem para a capital do Ceará.

Nas palavras de Sousa (2016), o governo provisório do então presidente Vargas buscava preconizar a seca como uma questão Nacional, inaugurando medidas consideradas ‘importantes’ para o combate as secas. Todavia, uma das características dessa ação institucional era a construção de açudes, nos quais quem, tradicionalmente, trabalhavam eram os próprios flagelados.

Nesse contexto, torna-se imprescindível enxergar essas frentes de trabalho, na maioria das vezes, em troca de comida, como sendo uma prova aos limites da capacidade humana. Para um melhor entendimento do que abordo, vejamos os comentários seguintes, naquilo de que ora trato.

A seca de 1932 inaugurou formas plurais de se observar a seca, onde a capacidade humana foi posta em evidência, e reduzida as mais diversas formas de se observar o mundo. Os campos de concentração ficaram registrados nas memórias de quem os viu ou mesmo vivenciou. (SOUSA, 2016, p. 21)

É através da memória que o processo de confinamento do retirante no campo toma corpo, materializa-se. Para tanto, vale fazer considerações pertinentes sobre aspectos relativos à memória coletiva e individual. Posto que, na opinião de Halbwachs (1990), é sobre a memória histórica que o ser humano deve se apoiar.

O fato de falar em ‘campo de concentração’ não tem ligação direta com os campos nazistas da Alemanha, durante a II Guerra Mundial. Porém, mesmo sendo conceitos separados por objetivos distintos, os campos cearenses surgem na memória dos que viveram ou dos parentes como espaço de sofrimento, proliferação de doenças, fome e prisão. Voltando ao resgate da memória coletiva, vejamos os comentários abaixo:

Quando dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer, todavia que a lembrança ou que uma de suas partes devesse subsistir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu. (HALBWACHS, 1990, p. 28)

Ao evocar o papel do retirante, bem como a consequência da seca, penso no clima de ‘insegurança’ que pairava na cidade de Fortaleza, quando da chegada dos retirantes, aos montes, para viverem na capital. Segundo Rios (2014), os jornais da

época chamavam a atenção para o clima alarmante com o desembarque dos flagelados.

Mais à frente, na apresentação dos discursos, por ocasião das entrevistas realizadas, esse contexto vai ficar mais evidente. Pois, são relatos de remanescentes dos campos de concentração, mais especificamente, do campo do Patu, em Senador Pompeu. Lá, de acordo com Rios (2014), guardas constantemente vigiavam os movimentos dos concentrados para evitar fugas. Ressalto também que este campo é o único, dos sete, que mantém sua estrutura física, apesar dos desgastes do tempo.

Por isso, vejo na memória, individual e coletiva, o resgate desse momento na história do Ceará. É comum ver que esse acontecimento foi sendo deixado de lado por políticos interessados em esconder tal fato, visto que significou uma imposição com requintes de violência, para não dizer de crueldade.

A seguir, Rios, endossa minhas discussões a respeito desse momento histórico:

Nossa história não é contada nos livros didáticos nem ensinada nas escolas. Pessoalmente acredito que o assunto é relevante em primeiro lugar porque revela um aspecto pitoresco que foi vivenciado por uma parcela de nossos antepassados; e depois porque mostra que o fenômeno da seca no Nordeste, apesar de secular, nunca é tratado de forma efetiva, sempre é uma solução pontual, visando aquele período, aquele grupo de flagelados. (RIOS, 2014, p. 48)

Como disse a historiadora supracitada, a realidade dos 'currais do governo' não aparece em livros escolares, visto que representa uma 'mancha' para os governantes e para a classe dominante. Vale desenhar aqui a imagem mental de uma Fortaleza de 32 que vivia no clímax da modernidade, no espelho francês da *belle époque*, fase de empolgação europeia em decorrência das descobertas científicas, tecnológicas, culturais, dentre outras, no fim do século XIX.

Conforme Halbwachs (1990), há pessoas que estão sempre no presente, isto é, que elas não se interessam senão pelas pessoas e pelas coisas no meio das quais elas se encontram. Mas, por outro lado, é preciso expor e explicar questões sócias ligadas ao passado, para que, dessa maneira, a história possa ser analisada e que acontecimentos como os dos campos de concentração não tornem a se repetir.

ARGUMENTAÇÃO, NOVA RETÓRICA E LUGARES ARGUMENTATIVOS

Partindo da perspectiva aristotélica para discutir acerca da argumentação, posso pensar no contexto da Grécia Antiga, no qual a persuasão ganhou *status* de discussão pública para ritualizar as potencialidades da retórica. Nas palavras de Dittrich (2008), filósofos como Córax e Isócrates, além dos sofistas, antes de Aristóteles, já refletiam e amparavam estudos na arte de argumentar.

Nesse momento, o ato de argumentar seguia a concepção clássica da lógica formal, na qual há um limite entre os dispositivos de demonstração axiomática. No discurso inicial dos teóricos do chamado Tratado da Argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), para expor as características particulares da argumentação e os problemas inerentes a seu estudo, deve-se contrapor a concepção clássica da demonstração.

Peço que observemos a seguir os comentários de Souza (2003) acerca dessa diferenciação básica entre a retórica antiga e a abordagem atual, mais precisamente em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), na nova retórica:

Para a Retórica Antiga, o estilo, a arte na composição do discurso era fundamental, por isso o orador, depois de definido o seu auditório e o assunto a ser abordado, devia se preocupar com a **forma do discurso**, com a sua composição, para que pudesse conseguir os seus objetivos. (SOUZA, 2003, p. 54, grifo do autor)

Essa forma, esse modelo, na modernidade, estão além de serem associados a uma evidência simples, pois, em termos de argumentação, há múltiplos signos a serem utilizados. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), a única obrigação que se impõe ao construtor de sistemas axiomáticos formalizados é a de escolher signos e regras que evitem dúvidas e ambiguidades.

Contudo, não tem como pensar em retórica sem conceber um papel de destaque para os filósofos gregos, mais especificamente para Aristóteles, que é considerado o fundador da filosofia ocidental. Na ótica de Reboul (2004), há um elo particular entre a argumentação clássica e a perelmaniana. Contudo, segundo o autor, diferem por questões de verossimilhança, ou seja, a visão de Perelman busca uma argumentação plausível, enquanto em Aristóteles existe o apelo ao cálculo preciso e excessivamente formal.

NOVA RETÓRICA

Ancoro as análises discursivas, do tópico seguinte, ao que, neste tópico, chamo de nova retórica, ou seja, o modelo argumentativo preconizado no livro Tratado da Argumentação, de Chaïm Perelman (1912-1984) e Lucie Olbrechts-Tyteca (1900-1987). Nessa obra, a retórica é apresentada como um amplo sistema de signos categorizados.

Para uma melhor compreensão do assunto aqui discutido, chamo a atenção para o texto logo abaixo:

O mínimo indispensável à argumentação parece ser a existência de uma linguagem em comum, de uma técnica que possibilite a comunicação[...] em nosso mundo hierarquizado, ordenado, existem geralmente regras que estabelecem como a conversa

pode iniciar-se, um acordo prévio resultante das próprias normas da vida social. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 17)

Essa relação com o outro, mesmo consigo mesmo, deve, segundo os autores, passar pela experiência comunicativa. Para isso, a argumentação exige um contato, aquilo a que Perelman denomina de contato dos espíritos. “A formação de uma comunidade efetiva dos espíritos exige um conjunto de condições” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 17).

Falando a respeito do Tratado da Argumentação, Plantin (2008) afirma que o caráter inovador deste livro é o de trabalhar com técnicas argumentativas, fornecendo esquemas de análises variados, de acordo com cada discurso. Por outro lado, no ambiente social, o pensamento de Perelman aponta para um inevitável e imprescindível contato com o meio. “Fazer parte de um mesmo meio, conviver, manter relações sociais, tudo isso facilita a realização das condições prévias para o contato dos espíritos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 19).

Na concepção de Fiorin (2015), há no que é verossímil uma presunção associada ao verdadeiro e esta parte de um acordo prévio, contudo tal verossimilhança argumentativa não se encaixa entre o ‘verdadeiro’ e o ‘falso’ sem, antes, estabelecer acordos.

ORADOR E AUDITÓRIO

Com o efeito de teoria, a nova retórica perelmaniana apresenta como base argumentativa a presença de um orador em relação à presença de um auditório. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), para que uma argumentação se desenvolva, é preciso, de fato, que aqueles a quem ela se destina lhe prestem alguma atenção.

Contudo, no cerne dessas afirmações, existem autores que, valendo-se de instituições especializadas em publicar, por exemplo, artigos científicos, ignoram esse contato de espíritos, ou seja, a relação direta entre orador e auditório. Por isso, Perelman diz que “[...] percebemos melhor a argumentação quando é desenvolvida por um orador que se dirige verbalmente a um determinado auditório” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 21).

O pesquisador em argumentação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, professor Dr. Gilton Sampaio de Souza, endossa a ideia de auditório enquanto interação entre sujeitos socialmente localizados. Abaixo, os comentários deste autor:

Portanto, pensando no uso efetivo da linguagem verbal em situações reais de interação social, acreditamos, como Perelman e outros estudiosos aqui citados, que, para compreendermos a linguagem humana, jamais podemos vê-la como linear, unívoca, totalmente racional; ao contrário, temos de vê-la enquanto um meio de interação social, enquanto algo que emerge de sujeitos

historicamente situados e se dirige a outros sujeitos (auditório) em situações semelhantes, refletindo, nessa interação, as ambiguidades, as controvérsias; enfim, as relações dialéticas e dialógicas que permeiam as relações humanas.

(SOUZA, 2003, p. 57)

Neste ponto do debate, posso interpretar a linguagem verbal como elemento de ajustes frequentes, isto é, ferramenta do contato entre espíritos, a qual serve de plataforma argumentativa. Por outro lado, deve-se pensar no pano de fundo que essa linguagem representa, no caso, a história. Nas palavras de Souza (2003), A argumentação deve ser entendida como uma ação humana, uma ação que implica o ato de convencer o outro sobre a validade de uma opinião defendida.

Nesta mesma linha de raciocínio, posso afirmar, de acordo com a teoria perelmaniana, que essa qualidade do orador em 'conquistar', isto é, convencer e/ou persuadir seu auditório, não se limita ao acordo prévio, mas ao desenvolvimento pleno da argumentação. "Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar" (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 21).

Ainda dentro das discussões teóricas acerca do orador e do auditório, naquilo que está determinado no T. A.¹ como parte do livro chamada de *Âmbitos da Argumentação*, irei debater sobre argumentação e violência, item que faz uma conexão com o tema dos campos de concentração.

ARGUMENTAÇÃO E VIOLÊNCIA

A interação racional do ponto de vista do orador busca, na mesma proporção, uma racionalidade no tocante às opiniões do auditório. Se a argumentação é uma prática que modifica e convence, no caso, um certo estado de existência, portanto, deve afastar a ideia de quem, por exemplo, toma a iniciativa no debate, é o agressor. Na concepção de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), na medida em que dirigentes de um grupo tentam aumentar sua ascendência sobre o pensamento de seus membros, multiplicarão os discursos, alguns chegaram ao limite de empregar a ameaça ou a coerção.

Os autores apontam para o fato de que quando não há, previamente, uma adesão dos espíritos, o apelo à violência, muitas vezes, será tido como única saída em uma discussão. Contudo, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), o recurso à argumentação supõe o estabelecimento de uma comunidade dos espíritos que, enquanto dura, exclui o uso da violência.

Há, na minha concepção, um elo teórico entre a abordagem perelmaniana da violência e o poder simbólico conceituado por Bourdieu, observemos o texto a seguir:

[...]dado que nós construímos o espaço social, sabemos que esses pontos de vista são, como a própria palavra diz, visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma determinada posição no espaço social. E sabemos também que haverá pontos de vista diferentes, e mesmo antagônicos, já que os pontos de vista dependem do ponto a partir do qual são tomados, já que a visão que cada agente tem do espaço depende de sua posição nesse espaço. (BOURDIEU, 2004, p. 157)

É a respeito do espaço e da interação social que ambas as teorias dialogam, mas também em relação aos inumeráveis pontos de vista inerentes a esses espaços discursivos. É no antagonismo que a retórica deve agir, equilibrando valores, subjetividade e visão de mundo. Como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), a regulamentação de um debate pode versar não só sobre as questões prévias, mas também sobre a duração dos discursos, sua ordem, a maneira de concluir e sobre as condições de prosseguir.

Nestes casos, evitam-se a interdição, a intolerância e a violência simbólica e/ou física. No caso da temática dos campos de concentração, aconteceram, ao mesmo tempo, todas essas ações. Em nenhum momento foi dado ao retirante o papel de interlocutor, ou seja, uma posição justa dentro do diálogo.

OS LUGARES ARGUMENTATIVOS

O T.A. movimenta valores e suas hierarquias também a partir de um raciocínio dialético que interliga um valor a outro de ordem mais geral, contudo no sentido de aumentar a adesão dos espíritos. Por exemplo, quando, numa hierarquia, admite-se que o valor abstrato 'fé', num discurso religioso, vem no topo desta mesma hierarquia, e em segundo plano está o valor 'justiça', volta-se o olhar para a religião como ponto de partida que garantirá a adesão das pessoas.

Chamo a atenção para os comentários a seguir, os quais mostram essa interligação de valores com outros para, assim, chegar aos lugares da argumentação.

Quando se trata de fundamentar valores e/ou suas formações hierárquicas, costumamos usar todos os argumentos possíveis para conseguir sempre maior adesão ao que propomos. No caso dos lugares, estes estão ligados aos aspectos da argumentação que influenciam o orador na hierarquização geral dos valores. (SOARES, 2016, p. 47)

Essa influência é um mecanismo que ajuda no esforço de invenção do orador, quando, diante do auditório ou em seu texto escrito, procura manipular um vasto arquivo onde se encontram valores já consolidados. Na visão dos autores do T.A., os lugares designam rubricas nas quais se podem classificar os argumentos.

“Tratava-se de agrupar o material necessário a fim de encontrá-lo com mais facilidade, em caso de precisão” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 94).

Entendo os lugares argumentativos, então, como um conjunto híbrido de valores, contudo com funções adaptáveis às mais variadas situações cotidianas. Por isso, vinculam-se às ideias que pairam no campo do provável, dando a oportunidade ao interlocutor de, em outras hierarquias de valores, refutá-las.

Em conformidade com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), os lugares-comuns se caracterizavam, primitivamente, por sua imensa generalidade, que os tornava utilizáveis em todas as circunstâncias.

Lugares da quantidade

Nas palavras de Plantin (2008), os lugares da argumentação são locais que organizam o debate e que permitem processar certas perguntas em função das normas de uma cultura. Nesse sentido, posso conceber os lugares como dispositivos depositados na própria sociedade.

Dentre esses lugares, o da quantidade se destaca pelo fato de que algo será melhor, mais aceitável do que outra coisa, por estar sendo relacionado à quantidade. Um exemplo trivial, mas operante na cultura brasileira, pode ser esportivamente explicado aqui. De acordo com alguns torcedores do Flamengo, este é o melhor time do Brasil, porque, no caso, tem, comprovadamente, a maior torcida.

Observemos a seguir as considerações sobre o chamado lugar da quantidade, na perspectiva perelmaniana:

Entendemos por *lugares da quantidade* os lugares-comuns que afirmam que alguma coisa é melhor do que a outra por razões quantitativas. O mais das vezes, aliás, o lugar da quantidade constitui uma premissa maior subentendida, mas sem a qual a conclusão não ficaria fundamentada. Aristóteles assinala alguns desses lugares: um maior número de bens é preferível a um menor número [...] (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 97)

As questões culturais, por exemplo, através do discurso são postas em situações constantes nas quais os argumentos estarão recheados de lugares da quantidade. A democracia, grosso modo, guia-se, retoricamente, pelo lugar da quantidade. “Quando um acordo é constatado, podemos presumir que é fundado sobre lugares mais gerais aceitos pelos interlocutores [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 97).

Lugares da qualidade

Pode ocorrer, no ponto de partida da argumentação, que o discurso defenda uma opinião contrária ao domínio quantitativo, ou seja, ao invés de atribuir valor ao que se apresenta enquanto maioria, o lugar da qualidade exalta aquilo que, por sua natureza única, rara, opõe-se a maioria. Na abordagem de Fiorin (2015), o lugar da qualidade é aquele segundo o qual é preferível o que é original, extraordinário. Dessa maneira, vale ressaltar nesta discussão o valor ‘verdade’, que, diante, por exemplo, da religião, toma aspecto divino.

Neste caso, a verdade bíblica, proferida por um Deus único, está acima de qualquer quantidade de pessoas, de opiniões contrárias. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), o verdadeiro não pode sucumbir, seja qual for o número de seus adversários.

Os lugares qualitativos apontam para argumentos que fazem oposição ao que, popularmente, considera-se como vulgar, comum, corriqueiro. “A unicidade de um ente ou de um objeto qualquer decorre da maneira pela qual concebemos nossas relações com ele [...]” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 101). Nesse sentido, entendo que, para alguns, a lua cheia, por exemplo, não passa de um fenômeno natural, passivo de ser cientificamente explicado. Por outro lado, há pessoas que atribuem forças/energias sobrenaturais à essa mesma lua.

Outros lugares

Quando se associa um conjunto hierarquizado de valores em uma espiral argumentativa com outros valores existentes, pode-se, grosso modo, relativizar conteúdos, institucionalizar opiniões e/ou reduzir argumentos menos representativos em uma determinada conversa. Contudo, em relação aos lugares, sendo este o ponto de partida de toda e qualquer argumentação, justo será, como afirma Perelman, tratar de outras manifestações em termos de lugar.

Chamo mais uma vez a atenção para o discurso contido no T.A., no qual Perelman e Olbrechts-Tyteca mostra a pluralidade dos lugares argumentativos.

Poder-se-ia pensar em reduzir todos os lugares aos da quantidade ou da qualidade, ou mesmo em reduzir todos os lugares aos de uma única espécie- teremos a ocasião de tratar dessas tentativas-, mas parece-nos mais útil, dado o papel que representam e continuam a apresentar como *ponto de partida* das argumentações, consagrar algumas exposições aos lugares da ordem, do existente, da essência e da pessoa. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 105)

Em se tratando do lugar da ordem, há nessa proposta, um mecanismo argumentativo que direciona os discursos para o campo onde a superioridade do que existiu anteriormente é indiscutível em relação ao que veio posteriormente. “O que é causa é razão de ser dos efeitos e, por isso, lhes é superior” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 105).

Pensando sobre o lugar da ordem, posso imaginar um agrupamento retórico de valores voltados para a superioridade, por exemplo, dos ancestrais, dos anciãos de alguns países africanos e/ou de tribos indígenas. Na visão de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), o pensamento existencial, que insiste na importância da ação voltada para o futuro, busca sempre remontar ao originário, à fonte.

No que tange ao lugar do existente, posso dizer que este atribui importância àquilo que existe, em comparação ao que é eventual e/ou improvável. “Os lugares do existente afirmam a superioridade do que existe, do que é atual, do que é real, sobre o possível [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 106).

O lugar da essência, em termos simples, possui parentesco com o lugar da qualidade, contudo, em termos práticos e retóricos, o lugar da essência promove uma analogia entre seres humanos concretos, como, por exemplo, na arena política, na qual posso questionar às pessoas quem, no Brasil, encarna melhor a função, a essência da política?

Por último, o lugar referente à pessoa traz a ideia de esforço, de cuidado. Nesse contexto, na abordagem da retórica perelmaniana, esse lugar se constitui da dignidade de cada sujeito, bem como do seu comportamento, sua conduta para manter essa dignidade, esse mérito. No pensamento de Plantin (2008), as convenções que caracterizam o lugar, seja ele qual for, partem, sobretudo, do direito inicial à fala, ao uso da linguagem.

Agora, irei tratar da análise discursiva propriamente dita. Neste caso, por se tratar, aqui, de um recorte da minha tese de doutoramento, escolhi, dentre um *corpus* de 13 entrevistas, 02 colaboradores que viveram o drama em relação aos campos de concentração. A primeira é Dona Alaíde Bezerra de Souza, moradora da cidade de Senador Pompeu, CE, a qual, em 1932, com 03 anos de idade, foi confinada em um dos casarões do campo de Patu. O segundo colaborador se chama Expedito Moreira Guedes, natural de Mombaça, veio para o campo do Patu com o pai, em 1932, com apenas 5 anos de idade, a mãe falecera devido a uma infecção causada pela cólera.

ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO EM DISCURSOS SOBRE OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DA SECA DE 1932

Há nas discussões anteriores um eixo teórico que sustenta os estudos sobre a argumentação, bem como suas especificidades. Nessa ideia perelmaniana, a análise dos lugares retóricos ganha destaque neste capítulo. Para tanto, irei subtopicalizar os lugares encontrados, seguidos do excerto transcrito e, conseqüentemente, da análise. O primeiro discurso analisado foi o de D. Alaíde.

LUGARES DA QUANTIDADE NO DISCURSO DE D. ALAÍDE

Excerto 01:

[...] *eu imaginava que era um lugar bom, sem seca. Naquele tempo, minha família dizia, eu num me lembrava não. Só sei que diziam que ia ser bom, lá. A gente ia comer, porque do lado de fora da cerca num tinha comida não[...]a seca tava acabando com tudo, meu fí. Tinha muita gente indo prá lá, então era bom, porque tava todo mundo indo pra lá.*

Como uma premissa maior, posso afirmar que o lugar da quantidade identificado na fala da colaboradora supracitada está evidenciado no texto em si, mais precisamente nos trechos marcados. Quando ela diz que ‘imaginava que seria um lugar bom’, provoca um questionamento acerca do motivo de o campo ser um lugar bom. Contudo, ela deixa claro que, pelo fato de ir muita gente para o campo de concentração, então, seria um espaço onde eles, retirantes, seriam acomodados em condições favoráveis. E, de acordo com a teoria perelmaniana, o lugar da quantidade se configura como uma preferência pela quantidade. No excerto seguinte, há outra referência ao lugar da quantidade.

Excerto 02:

[...] nós comia feijão, um bicho sem gosto de nada. *Muita gente só comia porque via as maioria dos outros comendo, aí tinha que comer, se não morria de fome. E quando comia, dava caganeira[...]era a água suja que usava para cozinhar. Mas, graças a Deus, sobrevivemo.*

A preferência pela continuidade da vida, mesmo que tão flagelada, é uma característica do lugar da quantidade. Pois, há a superioridade do que é duradouro em relação ao que acaba rápido. Outro trecho que aponta para o lugar da quantidade é quando ela afirma que muitas pessoas só comem porque viam a maioria comendo.

LUGAR DA PESSOA NO DISCURSO DE D. ALAÍDE

Excerto 03:

[...] Quando terminou essa história de campo de concentração[...]ôche, eu nem sabia que o nome era esse. O povo ficou chamando assim depois que fechou. Eu fui morar já grandinha no sítio Patu, e quando nós ia na rua, de a pé, o povo comentava do sofrimento que tinha lá. A gente que sabe, fica triste né, meu fí? (*lágrimas*). *É coisa que ser humano nenhum merece, a gente fica sem se sentir gente de verdade [...] vivendo daquele jeito, como animal.*

Nesse trecho da entrevista, transcrita com o cuidado de manter a essência linguística, a subjetividade da colaboradora, pode-se deduzir que o lugar da pessoa está fortemente descrito no trecho marcado. Nesse momento, ela aponta para questões ligadas à dignidade, ao amor próprio. Na mesma análise, nota-se a perda da autonomia, da liberdade, traços que engrandecem o ser humano.

Excerto 04:

Minha mãe chorava dia e noite, mas reza muito e botava nós pra rezar também. Num tinha negócio de cansaço de jeito nenhum, meu fí. Pai ia antes de amanhecer pra trabaiá na barragem. Nós acordava cedo pra pegar a farinha, o mingau feito sei nem de quê, meu fí. *Na fila ia premeiro os mais véi, tem que ter respeito né? Depois, os menino, as criança.* Mas, a farinha num dava pra todo aquele povo não[...]

Ancorado na teoria que apresentei no capítulo anterior, afirmo que no excerto em questão o lugar da ordem é a cena descrita no momento de os retirantes irem receber a alimentação, uma espécie de mingau feito, segundo outros relatos, de farinha, rapadura e feijão. Na fala de D. Alaíde, há a presença do respeito evocado na prática, ou seja, a ordem projetada na fila dava preferência ao anterior, isto é, ao idoso. Os jovens, as crianças, pelo fato de terem vindo, logicamente depois, ficavam no segundo plano da fila de alimentação.

Nos próximos subtópicos, irei mostrar as análises em excertos retirados do discurso de Expedito Moreira Guedes, “Seu Didi”, como é atualmente conhecido na cidade de Senador Pompeu, Ceará.

LUGAR DA QUALIDADE NO DISCURSO DE SEU DIDI

Excerto 05:

Pra mim, *aquilo nunca ia dá certo!* O governo queria era acabar com tudo! Pra quê diabo tanto póbe, tanta gente morrendo, brigando por um prato, que nem prato era. *Hômi, era póbe demais lá.* O caba pequeno, mas lembra[...] me lembro ainda, Tenho boa memória (*risos*). Os coitado dos póbe, nós né, vivia trancado, no calor. *E tinha gente (tosse)... que achava bom lá...muita gente achava bom, porque tinha dicomê.* Mas, quando eu tava mais rapaizote...(tosse)... fui pensando assim: *Hômi, ali era lugar de gente! Os outro podia gostar, mas eu ‘deus me livre’* de ir pra um lugar daquele..(*risos*) prefiro a seca braba, *esperar pelo milagre da chuva que nosso sinhô manda.*

Como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) afirmam, o lugar da qualidade é o menos apreensível. Todavia, depois de várias leituras, pude entender que nos trechos grifados acima, o colaborador questiona o motivo de muita gente gostar do campo de concentração. Mas, ele não pensava como tantos outros, no caso, há uma contestação em relação ao número.

Na mesma ideia de que se trata de um lugar da qualidade, posso dizer que ele opta pela espera de um fenômeno raro, controlado por Deus, aquele ser único, o qual foge da normalidade humana. Neste sentido, o sofrimento da maioria, a fome que justifica a quantidade de pessoas que estiveram confinadas, para ele pode ser suportada fora do campo, visto que valeria a pena aguardar a manifestação única,

superior, inigualável da chuva. Pode-se observar ainda a presença do lugar da qualidade no seguinte excerto.

Excerto 06:

[...] Teve seca, mas também teve bom inverno depois. Lembro que olhava o *mato bem verdin, as lagoa cheia*[...] e me lembrava, com 15 anos, depois de uns tempo que o campo do Patu tinha fechado, quando dizia aos meu vizin 'vai chover!' *Deus é bom, não tem quem possa com o poder dele, só existe ele! Os homi da Terra não prestam.*

Concluo a análise do lugar da qualidade na fala de Seu Didi mostrando, nos trechos marcados, a unicidade divina defendida pelo colaborador em questão. Na opinião dele, Deus não se agrada da maioria, mas sim de quem acredita na bondade dele, na presença verdadeira dele em oposição à quantidade de homens do planeta Terra.

LUGAR DO EXISTENTE NO DISCURSO DE SEU DIDI

Excerto 07:

[...] Minha mãe adoeceu antes de chegar no 'cercado', nós vinha de Mombaça [...] Meu pai trabaiava na construção da barragem. Eu ia olhar ele trabaiando. Mas, os guarda me levava de volta pro cercado. Eu ficava com uma irmã minha, que faleceu faz uns 15 ano...bem veinha também (*risos*). *Pra mim, quem mandou fazer o açude do Patu foi o homi mais inteligente do mundo. Ele resolveu um bocado dos probrema. Daqui que fosse esperar as coisa mudar[...] outros governo pra frente...ia morrer mais gente.*

O lugar do existente, segundo a concepção perelmaniana, preza pela superioridade do que existe, do que atua num determinado momento, em comparação com aquilo que ainda é só conjectura. No trecho acima, o colaborador, relembando da construção da barragem do Patu, a famosa 'barragem das almas', atribui retoricamente essa superioridade ao, então, idealizador do açude, no caso, o Governo Federal, através de engenheiros ingleses.

É a presença material daquele que existe e que, dessa forma, vai resolver as mazelas causadas pela seca no sertão cearense. Por outro lado, o lugar do existente se torna evidente ainda pelo fato de que, segundo Seu Didi, não se pode confiar naquilo que não existe ainda, ou seja, a possível ação de futuros governos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura deste artigo contemplou, inicialmente, as primeiras discussões acerca do tema proposto para a tese de doutoramento, ou seja, os campos de concentração no Ceará, por ocasião da seca de 1932. Diante da problemática, este

trabalho denuncia questões em torno do preconceito sofrido pelos retirantes quando, em um período de complexa estiagem, buscavam refúgio na capital do estado, Fortaleza.

Pautado nas pesquisas de Rios (2014), Arendt (2007), Souza (2003), Halbwachts (1990) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), a temática supracitada enveredou pelos caminhos da memória, da condição humana e da argumentação. Em se tratando de memória, o aplicativo teórico abordou o processo de lembranças fundadas na memória coletiva, contudo, sem perder de vista as especificidades da memória particular, individual.

É válido ressaltar também a relação entre literatura, geração de 30, ancorada na cearense Rachel de Queiroz, e o tema proposto. Pois, diante da seca, e da ideologia determinista de Getúlio Vargas, o retirante nordestino sofreu na pele com a exclusão de caráter social, ou pior, biossocial.

As personagens rachelianas de *O quinze* (2006), refletiam um momento da história do Ceará na qual foi criado o primeiro campo de concentração, em 1915, na capital, chamado de campo do Alagadiço. Esse campo serviu de projeto para a inauguração de mais sete campos, os 'currais do governo' da década de 1930. Nesse momento de estudo, as colocações de Arendt (2007) foram de suma importância para se compreender a condição do ser humano diante das imposições políticas, governamentais.

Na teoria perelmaniana, centro teórico desse artigo, foquei na parte do Tratado da Argumentação que discorre acerca dos lugares argumentativos, dentre eles, o lugar da quantidade, da qualidade, do existente, da ordem, dentre outros. Para tanto, trabalhei com dois colaboradores oriundos da cidade de Senador Pompeu, no Ceará. A primeira foi a senhora Alaíde, atualmente com 90 anos de idade. Em seguida, entrevistei o senhor Expedito, hoje com 92 anos.

As entrevistas ocorreram no mês de abril, de 2019, nas respectivas casas dos colaboradores. Digo de passagem, que não foi fácil, em alguns momentos, fazer com que os entrevistados falassem sobre os campos de concentração, a seca, as mortes, dentre outras questões da época. Contudo, com paciência, determinação e ética, pude, atenciosamente, interagir com os colaboradores desse trabalho.

Espero que este artigo possa contribuir com mais pesquisas sobre essa fase da história dos cearenses. Infelizmente, os livros didáticos 'camuflam' o assunto, pois em conversas informais, em salas de aula, é raro ouvir de alguém que soube ou sabe da existência dos campos de concentração para flagelados da seca de 1932.

Notas

1 PERELMAN, Chaïm, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da argumentação: a nova retórica. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014. Irei me referir ao livro, a partir desta página, através das iniciais T.A.

Referências

- ARAÚJO, Kárita de F.; ANSELMO, Rita de Cássia M. de S. 1915: A seca e o sertão sob o olhar de Raquel de Queiroz. **Estudios Históricos**, n. 3, 2009.
- ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- DITTRICH, Ivo José. Por uma retórica do discurso: argumentação técnica, emotiva e representacional. **ALFA: Revista de Linguística**, v.52, n.1, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- HALBWACHTS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértices, 1990.
- PERELMAN, Chaïm, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- PLANTIN, Christian. **A argumentação**. São Paulo: parábola Editorial, 2008.
- QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.
- REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RIOS, Kênia Sousa. **Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
- SOARES, P. C. F. **Argumentação sobre o milagre da hóstia de sangue em crônicas de alunos do Ensino Médio**. 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2016.
- SOUSA, B. H. de. **Memórias flageladas: a construção da seca na região do cariri cearense (1958-1970)**. 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.
- SOUZA, G. S. de. **O Nordeste na mídia: um (des)encontro de sentidos**. 2003. 398 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Araraquara, 2003.
- TAMARU, Ângela Harumi. A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz. **Sínteses - Revista dos cursos de Pós-Graduação**. v. 9, p. 413-420, 2004.
- TRAVASSOS, L. S. M. Uma história não contada: o campo de concentração para flagelados de 1915 em Fortaleza-Ceará. *In: V Colóquio de História “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio”*, 2011. Recife. **Anais...** Universidade Católica de Pernambuco, 2011. p. 717 – 730.

Para citar este artigo

SOARES, P. C. F. A seca e os argumentos sobre campos de concentração a partir do olhar de Rachel de Queiroz. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 1., 2020, p. 109-130.

130

O Autor

Paulo Cesar Ferreira Soares é doutorando em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN. Mestre em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN/Campus Pau dos Ferros (2016). Especialista em Língua Portuguesa e Arte da Educação pela Universidade Regional do Cariri/URCA.